

## O Poder do Espírito

A coisa única de que o homem tem a visão quando ultrapassa o intelecto é o espírito, e, por conseguinte, o intelecto desenvolvido da espécie humana, se quiser ainda progredir, deve agora abrir-se a uma espiritualidade que tenha a visão e a compreensão das coisas, diferente da religiosidade, antes obscura, do passado, que pertencia aos níveis inferiores da vida e das emoções, e teve seus limites quebrados e sua estreiteza condenada pela luz livre do pensamento intelectual: este será, antes, um conhecimento de si e conhecimento de Deus e um conhecimento do mundo iluminados, que transmutados nessa luz mais vasta espiritualizarão a inteira visão e o motivo de nossa existência. Esse é um desenvolvimento ao qual um intelectualismo consumado pode abrir-se e, ultrapassando-se, encontrar sua plena realização. A alternativa seria um contínuo entoar de mudanças nos rodopios do círculo intelectual, que não levaria a lugar nenhum, ou então um colapso, uma queda nos níveis inferiores que poderia levar a civilização humana a uma nova barbárie, corrupta e intelectualizada. Essa é uma catástrofe que já aconteceu antes na história do mundo e aparentemente devido a eventos e causas externas, mas em essência, aconteceu por uma incapacidade do intelecto humano de encontrar um modo de sair de si mesmo, de sair da fórmula vital – em que seus esforços e seus questionamentos podem só se exaurir e exaurir a vida – para entrar na iluminação plena do espírito e encontrar um meio aclarado de aplicar à mente, à vida e à ação esse princípio espiritual salvador. A possibilidade de uma tal catástrofe não está, de nenhum modo, ausente da situação humana atual. Por um lado, a tensão do intelecto, que chegou aos limites de sua elasticidade, provocou um movimento de recuo, uma necessidade desenfreada de experiências vitais, emocionais e sensoriais, e uma desordem mórbida na economia da natureza; por outro lado apresentam-se – talvez como consequência – perturbações do sistema terrestre que ameaçam romper o molde da civilização, e o problema que se põe para a humanidade é saber se um molde novo e maior poderá ser criado ou se um colapso e uma decadência vão acontecer, e será preciso recomeçar o ciclo. Nessa crise, a esperança da espécie encontra-se na fidelidade de seu intelecto às mais vastas percepções que ele tem agora do self maior da humanidade, na conversão de sua vontade, que começará a criar novas formas liberadoras do pensamento, novas formas de arte e de empenho social que surgirão daquelas percepções, e na elevação da mente intelectual ao plano da consciência espiritual intuitiva, supraintelectual, que, somente ela, poderá fornecer a base de uma vida espiritualizada da espécie e possibilitar a realização de suas potencialidades mais divinas. O sentido da espiritualidade é uma vida interior nova e mais vasta fundada na consciência

do self espiritual verdadeiro, íntimo, supremamente elevado e vasto do ser humano, uma consciência pela qual ele recebe o todo da existência como uma manifestação progressiva do self no universo e sente sua própria vida como um campo de uma possível transformação, na qual seu sentido divino será encontrado, suas potencialidades serão altamente expandidas, as formas, agora imperfeitas, mudadas em imagens da perfeição divina; essas possibilidades maiores de seu ser, o homem se esforçará não apenas para vê-las, mas para vivê-las. E essa consciência de seu verdadeiro self e espírito trará com ela a consciência também da unidade entre o indivíduo e a espécie e a unidade harmoniosa entre a vida do ser humano, o espírito na Natureza e o espírito do universo.

A voz de uma poesia nova, mais profunda e intuitiva, pode ser uma ajuda poderosa para essa mudança necessária de visão e de aspiração, porque aquilo que o pensamento compreende de modo mais ou menos abstrato, ele pode tornar vivo para a imaginação por meio da palavra e uma coisa de beleza, deleite e inspiração acolhida pela alma. Essa poesia falará de coisas novas e de coisas antigas de maneira nova e com uma nova voz, não pela exclusão ou diminuição de suas províncias, mas por uma suprema elevação, um grande contato interior, uma ampliação e vastidão por toda parte, uma visão das coisas mais profunda e, portanto, uma modificada visão do mundo, da vida e das possibilidades ainda não reveladas da experiência da alma. Ela nos fará renovar o sentido do Eterno, a presença do Divino que por um período nos foi confiscada, de maneira estreita e singular, por um intelecto demasiado fixo no mundo exterior e físico; mas ela não falará dessas coisas nos tons fracos e convencionais da religião tradicional, mas enquanto voz da experiência intuitiva e do ritmo e do canto da revelação de uma eterna presença. A voz do poeta nos revelará, pela palavra rítmica inspirada, o Deus que é o Self de todas as coisas e de todos os seres, a Vida do universo, a Divindade no ser humano; o poeta expressará toda a emoção e todo o deleite do empenho da alma humana para descobrir o toque e a alegria dessa Divindade dentro dela, pois nela o homem sente vibrar as fontes poderosas de seu ser, de sua vida e de seus esforços, nela, ele sente que alcança sua plenitude e se torna um com toda a experiência cósmica e com a Natureza e com todas as criaturas.

[...] Na poesia e na arte maiores deverá sempre haver algo da calma do impessoal, baseando e elevando o esforço e a luta da personalidade, algo da vastidão do universal a liberar e harmonizar as perturbadoras concentrações da existência individual, algo do sentido do transcendente a elevar os poderes inferiores, ignorantes e incertos da vida em direção a uma força e uma luz maiores, a uma maior Ananda. E quando a arte e a poesia puderem expressar o sentido completo dessas coisas, elas se tornarão as maiores fontes de força, supremas construtoras da alma do ser humano e a estabelecerão na grandeza de seu próprio self e espírito mais vastos.

[...] E essa poesia trará com ela uma nova profundidade nas relações íntimas da alma com a Natureza. A primeira poesia da Natureza nos deu apenas o deleite das formas dos objetos e da beleza do ambiente do mundo natural que circunda a vida humana, mas não encontramos aí essa comunhão interior entre o homem e a Mãe universal. Mais tarde, um outro tom introduziu mais das sutilezas da alma vital do mundo natural e produziu uma resposta em nós das sensações e emoções comoventes do espírito de vida, que fez nascer um sentimento intelectual e estético pelas coisas mais delicadas e sutis, como veladas, e, na poesia de Wordsworth, Byron, Keats e Shelley, algo de mais profundo: uma tentativa de comunhão com uma presença universal na Natureza e um vívido princípio de paz, de luz e de amor ou de poder universal, de deleite e de beleza conscientes. Uma poesia que “verá” de maneira ainda mais profunda e mais íntima integrará essas coisas em uma visão e um sentido ampliados da Natureza e nos fará perceber o próprio self, a própria alma e o ser consciente da Natureza, suas sugestões e significados psíquicos mais profundos, o espírito nela e a intuição de tudo o que ela mantém escondido em suas formas e sob seus véus e que revelará cada vez mais à alma que se unir a esse espírito. A mente humana do futuro, mais intuitiva, liberada de suas atuais simpatias limitadas unicamente ao toque do self único em todos os seres sentirá, como nunca antes, sua unidade, uma unidade com essa outra consciência na Natureza e ouvirá a voz em que se revela tudo que para nós é mudez, a alma e a vida de coisas que agora parecem inertes e sem vida, a alma e a vida do mundo animal, a alma e a vida de coisas que agora crescem em silêncio e estão encerradas, absorvidas, no sonho de sua própria existência semiconsciente. Essa poesia abrir-se-á não apenas ao ser humano e à Natureza terrestre e os interpretará – pois uma poesia interessada só nisso exclui vastos campos de autoexperiência – mas se abrirá a outros domínios de nosso espírito. Ela nos dará a chave dos mundos da supranatureza, e nos deixará mover entre seres e cenas, imagens e influências e presenças dos reinos do psíquico que estão próximos de nós, por trás de seus véus de sombra ou de luz; e ela não terá receio de entrar nessas vastas esferas do self, em outros estados universais onde se encontram os poderes que se mantêm por trás de nossa vida, e nos espaços eternos da alma. Para isso, ela não recorrerá apenas a um símbolo do humano engrandecido e magnificado, como os antigos poetas representavam os deuses, ou em nuances de encanto romântico nem à luz longínqua de um místico além, mas com o tom direto, íntimo e real que surge da visão e do sentimento profundos, que faz dessas coisas uma parte de nossa experiência vivida.

*Um coração pulsava nos espaços imensos e vazios,*

*Um amor ardente vindo das fontes brancas do espírito*

*Anulou a tristeza dos abismos ignorantes;*

*O sofrimento desapareceu em Seu sorriso imortal.*

*Errar não era mais natural para a mente.*

*O mal não podia vir onde tudo era luz e amor.*